

A preservação do artesanato

Produções de vários núcleos paulistas de artesãos, antes ameaçadas de extinção, ganham novo vigor e agora são cases de sucesso

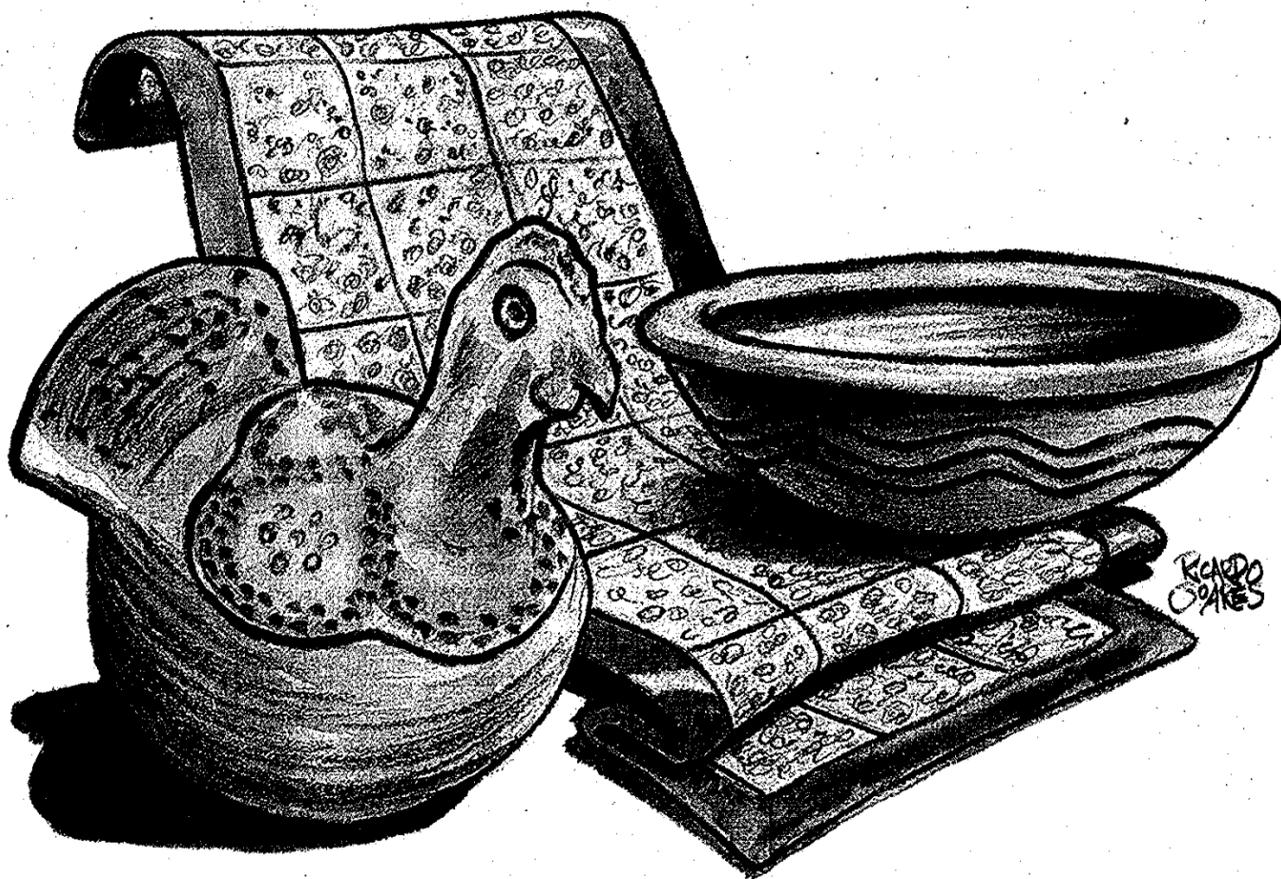
Regina Neves
de São Paulo

O rico e típico artesanato paulista, que mistura técnicas trazidas pelo colonizador europeu com aquelas desenvolvidas por indígenas e negros, acrescidas de contribuições posteriores de diferentes fluxos migratórios, corre o risco de desaparecer, vítima da industrialização e do próprio desenvolvimento econômico do estado. Os artesãos, desunidos, vão perdendo seu mercado e abandonando a atividade. Desta forma, antigas artes deixam de ser repassadas às novas gerações.

Num esforço para resgatar estas técnicas antigas, que além do seu valor cultural e histórico, podem representar importante fonte de renda para famílias de baixa renda, o Núcleo de Artesanato do Sebrae-SP vem realizando, desde 2000, um amplo trabalho junto a grupos de artesãos de diversas regiões do estado. Como resultado, já há vários grupos estruturados que, além de atender o mercado local, colocam seus produtos em grandes redes de lojas e, participam de feiras e exposições no Brasil e no exterior.

"O objetivo é intensificar a geração de empregos e renda no segmento de artesanato, tão pouco explorado em São Paulo", afirma Roberto Mauro dos Santos, coordenador do Núcleo de Artesanato do Sebrae-SP. "O trabalho inclui a profissionalização da mão-de-obra e a integração da produção ao mercado, valorizando a história e as técnicas de cada região." São realizados cursos, visitas técnicas, palestras e oficinas. Também é organizada a participação dos integrantes em rodadas de negócios, em feiras e em exposições, tanto nacionais como internacionais. O trabalho é feito com grupos formados por 15 a 20 artesãos.

A formação de associações e cooperativas é incentivada. "São elas que vão possibilitar a profissionalização e assegurar volume de produção, qualidade constante e respeito a prazos de entrega, fatores fundamentais para sua inserção competitiva no mercado atacadista", destaca Santos. "A atividade artesanal tem grande poder de arremetimento e absorção de mão-de-obra, tanto nas áreas rurais como nas urbanas", afirma. Segundo dados do governo



federal, existem 8,5 milhões de artesãos, um setor que compreende desde a fase de produção até a comercialização, gerando uma receita anual estimada em R\$ 30 bilhões por ano no País, o que corresponderia a cerca de 2,8% do PIB. No estado de São Paulo, são 18 mil artesãos cadastrados pela Superintendência do Trabalho Artesanal nas Comunidades (Sutaco), mas estima-se um universo de 51 mil pessoas. "Estes artesãos trabalham informal e isoladamente, não tendo acesso aos lojistas dos grandes centros ou informações sobre mercados, tecnologia e design; conseqüentemente não têm condições de aprimorar suas técnicas", explica Santos.

O programa do Sebrae atende preferencialmente a grupos de artesãos. No entanto, os que trabalham de forma isolada podem ter acesso a cursos específicos de gerenciamento para o setor. Após três anos de atuação, são muitos os cases de sucesso. Além de auxiliar os grupos de artesãos um a um, o Núcleo de Artesanato do Sebrae realiza diversas ações conjuntas para a divulgação dos grupos. Uma delas foi a exposição no Museu da Casa Brasileira, na capital paulista.

Outro projeto importante foi o lançamento da marca "Arte que Vale", que acompanha os produtos dos grupos atendidos pelo programa em pontos de venda exclusi-

vos, como na rede de lojas C&C e nos quiosques do Museu de Arte Moderna (MAM) encontrados nos principais shoppings de São Paulo. "Os produtos já estão conquistando o mercado atacadista e a mídia e têm recebido substancial apoio das prefeituras locais. Os pedidos aumentam dia-a-dia", diz Santos.

A Associação Baririense de Artesãos, da cidade de Bariri, no interior paulista, é um dos casos de sucesso do Programa de Artesanato do Sebrae-SP. A estruturação começou em 1998, com a participação do escritório regional do Sebrae em Bauri, também no interior. Os artesãos estiveram envolvidos em workshops de associativismo e empreendedorismo, que motivaram um grupo de mulheres a trabalhar de forma organizada. Há três anos, uma professora começou a ministrar o curso de amarrido para a Casa do Artesão e foi criada a associação, o Grupo Amarrido de Bariri, que hoje conta com 23 cooperadas.

A arte do amarrido tornou-se um forte atrativo para os turistas que por lá passavam. Bariri é cercada pelo Rio Tietê e possui algumas pousadas destinadas ao turismo ecológico. Com o apoio do Sebrae-SP foi criada a primeira linha de produtos exclusivos do grupo, em linha rústica-cana-café. Explica Carine Castanho, que coordena o grupo, que o amarrido pode ser aplicado em toalhas, guardanapos, panos, luminárias, capas de sofás, entre outros. O Amarrido de Bariri participa com sucesso das rodadas

de negócio do Sebrae nacional e de exposições e feiras, inclusive no exterior, com exportações para os Estados Unidos e Canadá. "Temos certeza que estamos no caminho certo", orgulha-se Carine.

Já o panô é uma antiga e tradicional técnica da região de São Carlos, que corria sérios riscos de desaparecer. A origem remonta ao século XIX, quando os escravos das fazendas de café da região usavam a juta dos sacos de café — apenas os danificados — para executarem suas roupas. O arremate era feito com sisal. No século XX, com a substituição da mão-de-obra escrava pela dos trabalhadores italianos, a idéia dos escravos ganhou contornos mais sofisticados. As italianas costuravam a roupa de cama e mesa com retalhos unidos pelo ponto ajour (técnica de costura de provável origem francesa) aplicados sobre a mesma juta que antes os escravos usavam.

A atividade em São Carlos é comandada por mulheres, que encontraram no panô em ponto ajour uma nova fonte de renda. Elas cuidam de tudo, da compra dos materiais ao gerenciamento do negócio. O trabalho começou há dois anos, com as artesãs Neuci Bastos e Estela Regina Silva. Conta Estela que elas procuravam um produto que caracterizasse São Carlos e descobriam a antiga técnica do panô em ponto ajour. Quando resolveram não só resgatá-la quanto profissionalizar a produção, Estela e Neuci procuraram o Sebrae.

O grupo Raízes do Café foi cria-

do para coordenar as atividades das artesãs. Depois de passar pelo treinamento do Sebrae, o Raízes já comercializa de forma profissional a sua produção, o que inclui etiquetas e marca própria. As artesãs têm apoio também da prefeitura, da Universidade Federal de São Carlos e da Faculdade de Direito de São Carlos. A universidade trabalhou no desenvolvimento do layout do Raízes do Café, na criação de cadeiras ergométricas para as artesãs, além de organizar cursos de psicologia organizacional. Já a faculdade assessora o grupo, junto com o Sebrae, para definir seus estatutos.

"É preciso enfatizar que o artesanato é um caminho tão árduo como qualquer outro", destaca Neuci. "Muita gente acha que estamos ganhando dinheiro fácil, mas na verdade ainda estamos na fase de reinvestir — as retiradas são pequenas e distantes umas das outras, mas o grupo é muito unido e acredito que estamos no caminho certo", diz Neuci. O grupo, que elabora peças como caminhos de mesa, jogos americanos, tapetes para telefone, panos para decoração (o quadro de mandalas faz sucesso), além das galinhas, o carro-chefe, também está colocando seus produtos na rede C&C.

Em São Miguel Arcanjo, o Grupo Rosário em Contas trabalha com o trançado em arame e os fru-

tos do rosário com os quais fazem, hoje, diversas peças. São porta-ovos em formato de galinha, jogos americanos, porta-copos, porta-guardanapos, canecas, revestimento de potes e de jarras, caminhos de mesa, descansos de panelas, fruteiras, porta-travessas e bijuterias. Elisângela Mossim, do sindicato rural da cidade e coordenadora do grupo, conta que antes as artesãs só comercializavam seus produtos localmente. "Depois das ações do Sebrae já participaram de exposições em Brasília e São Paulo e venderam seus produtos para Milão e Estados Unidos", diz Rosângela.

A grande novidade para o Rosário em Contas, agora, é o interesse do Grupo Pão de Açúcar em adquirir seus produtos. "As negociações já estão avançadas", conta Rosângela. Todas as artesãs que compõem o grupo são donas de casa, com idades variando dos 17 aos 55 anos e que se reúnem todos os dias na residência de uma delas para trabalhar. "Elas encontraram no artesanato uma fonte de renda para ajudar suas famílias", diz.

O Sebrae, em parceria com a ONG Amankay Instituto de Estudos e Pesquisas, lançou, no início deste ano, o "Guia do Presente Solidário" com o objetivo de aproximar o artesanato do nicho de brindes empresariais e do mercado atacadista de presentes e decoração. O Guia divulga e conta a história de 56 projetos de 14 estados do País. Destes, dez são de grupos acompanhados pelo Programa de Artesanato do Sebrae-SP.

Nas 216 páginas da publicação, desfila uma grande variedade de produtos feitos com materiais reciclados, brinquedos, cerâmicas, cestaria, barcos, roupas de mesa e banho, objetos de decoração, jogos, utensílios domésticos, papelaria, móveis, redes, vestuário e velas. Todas as indicações incluem fotos, referências à comunidade responsável pelo artesanato, bem como sua capacidade de produção, preços, região e condições de distribuição, além de nomes e endereços para contato, como convém a um guia.

A primeira edição do "Guia do Presente Solidário", que teve o patrocínio do Sebrae-SP, foi distribuída de forma gratuita. A publicação também está disponível no site do Sebrae-SP. O endereço é: www.sebraesp.com.br.

Grupo de
Amarrio, do
município de
Bariri, já exporta
para EUA e
Canadá

O panô em
ponto ajour,
técnica das
artesãs de São
Carlos, chega à
rede C&C